

A ARTE DE PRODUZIR EFEITO SEM CAUSA: AS POSSIBILIDADES DE LEITURA DO ROMANCE DE LOURENÇO MUTARELLI

“A ARTE DE PRODUZIR EFEITO SEM CAUSA” (“THE ART OF PRODUCE UNCAUSED EFFECT”): THE POSSIBILITIES OF READING THE ROMANCE OF LOURENÇO MUTARELLI

Marcos Antônio Fernandes dos Santos*

RESUMO: O objetivo do artigo foi identificar as possibilidades de leitura do romance *A arte de produzir efeito sem causa* (2008), de Lourenço Mutarelli, bem como os sentimentos e sensações desencadeadas pela obra no ato da leitura. A metodologia utilizada foi de cunho bibliográfico, e entre os teóricos que sustentaram as discussões, encontram-se: Iser (1996), Schollhammer, (2011), Blanchot (1997), Loytard (1993), entre outros. Longe de solucionar as problemáticas propostas pela obra, o leitor do romance encontra mais dúvidas que respostas. Medo e angústia são as principais sensações resultantes da leitura. A leitura, em si, concretiza o efeito catártico do texto, pois o leitor se sente angustiado pela experiência da personagem Junior e pela impossibilidade de seguir um caminho concreto ao longo do romance. A certeza é de que não existe uma solução formulada nem pelo texto, muito menos pelo leitor.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Efeito Estético. Lourenço Mutarelli.

ABSTRACT: The aim of this article was to identify the possibilities of reading the novel “The art of produce uncaused effect” (2008), by Lourenço Mutarelli, as well as the feelings and sensations triggered by the work before the act of reading. The methodology used was bibliographic in nature, and among the theorists who supported the discussions, there are: Iser (1996), Schollhammer, (2011), Blanchot (1997), Loytard (1993), among others. Far from solving the problems proposed by the work, the reader of the novel finds more doubts than answers. Fear of anguish are the main sensations resulting from reading. The reading itself concretizes the cathartic effect of the text, because the

* Doutorando em Letras (Estudos Literários), pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sendo bolsista CAPES. E-mail: marcosantos@professor.uema.br.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

reader feels distressed by the experience of the Junior character and the impossibility of following a concrete path throughout the novel. The certainty is that there is no solution formulated either by the text, much less by the reader.

KEYWORDS: Reading. Aesthetic Effect. Lourenço Mutarelli.

INTRODUÇÃO

É natural ao ser humano, que é singular e plural em sua essência, experimentar de uma infinidade de sensações que a vida (tanto interna, quanto externa) lhe proporciona, o que pode ocorrer, inclusive, no momento da leitura. Nesse sentido, ele está à mercê de inúmeros caminhos a serem tomados e que, em muitos casos, não necessariamente representam escolhas próprias e pessoais, mas são resultados da própria condição humana de sentir e ser tocado pelas coisas e situações que vivencia cotidianamente. Grande parte dos sentimentos e sensações que experimentamos não resultam de escolhas voluntárias que fazemos, mas da maneira como a experiência transforma e impacta a vida.

O íntimo do homem, ou seja, nossa vida interior, é responsável por grande parte das experiências que vivemos. No entanto, as relações que mantemos com o que é externo a nós também provocam e afetam nossos sentidos. As diversas manifestações artísticas, por exemplo, representam instrumentos que se relacionam intimamente com a condição em que nos encontramos em determinado instante, sendo, inclusive, capazes de modificá-la. Através da literatura, de maneira específica, enquanto leitores, somos levados a sentir os prazeres e sentimentos/emoções que as melhores narrativas conseguem fazer surgir, despertando, em nós, a atenção para esta relação que se estabelece entre as palavras e o que elas representam enquanto realidade que se encontra diante do sujeito e sua existência no mundo. De acordo com Antonio Cândido:

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, por que pelo fato de dar forma aos sentimentos e a visão de mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição literária é mutilar a nossa humanidade [...] (CANDIDO, 2004, p. 186).

Nesse mesmo sentido, Antoine Compagnon aponta que a literatura “dota o homem moderno de uma visão que o leva para além das restrições da vida cotidiana” (COMPAGNON, 2009, p. 36). Para tanto, essa experiência só é possível para aqueles que se permitem deleitar com o potencial que a leitura literária apresenta. É preciso ser íntimo e entregar-se à potência que as palavras e os lugares vazios entregam. O leitor é capaz de viver, estar e sentir de diversas formas, especialmente para além da realidade que o cerca, do mundo material em

que todos vivem. Ele tem potencial para desvendar e sentir com grande intensidade as mais diversas emoções e sensações.

É também verdade que o próprio universo ficcional é capaz de atribuir aos seus personagens a possibilidade de mergulhar na condição singular de ser humano, com toda sua complexidade de relações e intensificar essa condição a tal ponto de transcender certos limites em que o homem se encontra no mundo. Alegria, tristeza, espanto, curiosidade, medo, angústia, paz, tranquilidade, esses são alguns dos sentimentos/emoções que um leitor pode experimentar diante da leitura de qualquer narrativa literária, não sendo necessariamente proposital a intenção de quem escreve em despertar tais sensações em quem lê, especialmente porque não há como prever como será a relação de cada leitor com o texto.

A esse respeito, Catherine Mazauric comenta, exemplificando, que “a identificação de um leitor ou de uma leitura com as personagens de uma narrativa junto com os sentimentos que ele ou ela experimentam constitui uma das formas – a mais intensa, no caso – da ilusão referencial” (MAZAUERIC, 2013, p. 94). Complementando essa ideia, Annie Rouxel (2013, p. 203) afirma que “quando exercida a propósito de narrações fictícias – romances, contos – a atividade ficcionalizante do leitor tende a aproximar o desconhecido e aparentar-se à ilusão referencial”. De tal maneira, o leitor, através da leitura literária, é capaz de transcender os limites da ficção que por vezes se confunde com aspectos da própria realidade.

EFEITO ESTÉTICO E POSSIBILIDADES DE LEITURA EM A ARTE DE PRODUZIR EFEITO SEM CAUSA

A teoria do efeito estético desenvolvida por Iser (1996), que propôs o conceito de leitor implícito (entendido como uma estrutura textual que prevê a presença de um receptor e que fornece “pistas” que orientarão a leitura), se mostrou indispensável para a compreensão do funcionamento do texto literário e da relação que ele mantém com o leitor, especialmente por valorizar a subjetividade desse diante do exercício da leitura. Quando nos referimos ao efeito, nesse contexto, ele representa a resposta ou reação do leitor a uma obra literária, de forma que o efeito estético a que o teórico se refere, prevê a participação do leitor e a prática da leitura, aliadas às suas propriedades imaginativas e perceptivas. Quando o leitor lê, sentimentos e sensações são despertados pelo texto, que cria expectativas, as quais, por sua vez, também se projetam para dentro desse texto.

A leitura de um mesmo romance, por exemplo, é capaz de fazer surgir em cada leitor experiências diversificadas. Uma mesma leitura pode estimular nos leitores sentimentos iguais ou muito divergentes, e isso também tem a ver com a leitura de mundo que cada indivíduo possui. A essas experiências que dizem respeito a questões sociais e culturais que levamos como bagagem para o texto, Iser (1996) denomina-as de repertório, que de forma mais simples consiste no conjunto extra-literário que participa do exercício de interpretação da obra, sendo

importante para as experiências de leitura, pois está relacionado com o sentido que o leitor atribuirá ao texto. Partindo dessa perspectiva, realizamos aqui alguns apontamentos sobre a experiência de leitura do romance *A arte de produzir efeito sem causa*, de Lourenço Mutarelli.

Iniciamos por destacar o clima de tensão que envolve toda a trajetória do protagonista, Júnior, que a partir do momento em que a narrativa se inicia, se mostra aflito e alheio à própria existência. Ele parece entregar-se à inércia, o tempo é para ele um obstáculo que o impede de pôr fim a um futuro para o qual não há perspectivas. O seguinte fragmento, presente logo na abertura da narrativa, demonstra esse aspecto e como o narrador é conhecedor do íntimo de Júnior: “Já passa das onze. Júnior carrega a expressão da desilusão e uma pequena mala. Respira com dificuldade pela boca. Seu rosto parece uma máscara. A máscara do desengano. Ou do engano?” (MUTARELLI, 2008, p. 11). Na medida em que o leitor acompanha o dia a dia do personagem e as situações que o envolvem, ele passa a mergulhar no íntimo e na vida de Júnior, compartilhando, inclusive, de suas sensações e aflições. Sobre essa faceta da literatura, Edvânia Rodrigues aponta que ao nos depararmos com as narrativas:

Tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real (RODRIGUES, 2005, p. 4).

Diante da leitura do romance de Mutarelli, o medo é um sentimento inevitável. Quando estabelecemos uma relação de empatia com o estado da personagem, enquanto leitores nos encontramos imersos numa sensação de medo, permanecemos assim em um estado de alerta para o que pode acontecer nas próximas páginas, quando se revela, progressivamente, a situação de desconforto perante a vida. Acompanhando a leitura, somos mergulhados na psicologia do protagonista, que, aos poucos, parece estar em um caminho sem volta. Desenganado, ele transparece não encontrar motivos para continuar a viver, e nessa direção, nada consegue fazer para retomar a vida que teve um dia. Observemos no seguinte fragmento a sensação de angústia, medo e desengano, conforme o narrador expõe certa atitude da personagem:

Na enfermidade o sobrenatural é possível. Algo não o deixa esquecer onde o pai guarda a arma. A arma. Volta à sala para apanhar o revólver e dá de cara com a velha reprodução do menino chorando. Já não vê o menino. Abre o bar. Desenrola o revólver da flanela. Empunha a arma. Caminha até o quarto de Bruna. Ela deve ser a primeira. É mais rápida e pode reagir. Sabe que seu pai não vai reagir. Sabe que o velho não vai fugir e largar o filho doente, haja o que houver. As vozes o instruem. Júnior caminha silenciosamente. Descalço. O quarto está escuro. A luz da sala está acesa. Júnior enxerga pela fresta da porta do quarto, que ele mesmo deixou entreaberta de forma que a luz chegasse até o vulto

da moça. Aproxima-se de Bruna. Aponta a arma para a cabeça dela. Sabe que não pode vacilar. Quase encosta o cano numa das têmporas da jovem. Dispara. O som é seco. A agulha encontra o tambor vazio. Novo disparo. Bruna se mexe. Não acorda. Sênior teve o cuidado de esconder a munição quando começou a achar agressivo e inconstante o comportamento do filho. Júnior volta para a sala e vasculha a estante (MUTARELLI, 2008, p. 199-200).

Ainda que ficção, a narrativa e a forma como é conduzida, especialmente através das descrições do estado emocional de Júnior e de suas ações (ou a falta delas), provoca medo no leitor. Medo diante da fragilidade humana, do amanhã e da incerteza que ele nos traz, medo de conviver numa sociedade de relações conturbadas, da falta de afeto, do esquecimento, do vazio, do desconhecido e de tudo aquilo que afeta nossa estabilidade emocional. Beatriz Resende (2008) aponta que tais aspectos são presentes na literatura brasileira contemporânea, sendo enfática ao afirmar que o retorno ao trágico e a violência são forças dominantes nessa vertente da literatura nacional.

Quando somos tocados por determinadas emoções durante a leitura de um texto literário, de alguma maneira sofremos influências das relações que estabelecemos com o próximo e com o mundo ao nosso redor. Através da leitura literária vivenciamos uma experiência com o real por meio do caráter performático da linguagem que, por sua vez, não se manifesta apenas pelas palavras, mas também através dos vazios. O aspecto performático da linguagem é capaz de estabelecer uma relação afetiva entre leitor e texto, e isso não acontece somente porque este se depara com elementos e emoções da vida cotidiana representados na literatura, pois na escrita a “realidade não se apoia na verossimilhança da descrição representativa, mas no efeito estético da leitura, que visa a envolver o leitor afetivamente na realidade da narrativa” (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 59).

As descrições comportamentais de Júnior e a construção narrativa que dá vida a tais comportamentos concorrem para infundir o medo em quem lê. É terrível acompanhar a descharacterização humana, a perda da razão, da capacidade de raciocínio e de rumo. Na narrativa, isso acontece gradativamente e aos poucos, despertando no leitor a impressão de não haver nenhuma saída para Júnior e, de maneira similar, para o ser humano que está a viver com problemas emocionais de ordem psicológica. Não apenas o leitor sente medo, a própria personagem, mesmo que não admita ou não afirme, também o sente. Observemos esses aspectos ilustrados na seguinte passagem (introduzida pelo narrador) em que Junior tenta manter um diálogo com Bruna, a inquilina de seu pai:

Bruna sussurra para não acordar Sênior.
 — Você mexeu nas minhas coisas de novo? Eu te avisei, não avisei?
 — Mexi? Não! Não mexi em nada, eu juro!
 — Você riscou toda a minha agenda, ou vai dizer que não foi você?

— Ah! Eu pensei que você estava falando do coiso.
— Que coiso? — Como fala, aquilo de... dinheiro?
— Eu te avisei que não era pra você mexer nas minhas coisas, não avisei?
— Eu também não queria isso de você.
— Quê? Isso o quê?
— Eu não imaginava que você fosse me trazer de volta pra cá.
— Você está bêbado, pra variar.
— Não. Não.
— Não o quê?
— Está tudo se apagando.
— O que está se apagando?
— Eu. Você. Tudo.
Júnior segura a mão de Bruna e beija.
Dessa vez é ela quem não encontra palavras. (MUTARELLI, 2008, p. 153).

A solidão, a passagem das horas, os sonhos que tem enquanto dorme, o receio de não conseguir se reerguer, as decepções familiares, a rejeição, todos esses pontos representam aspectos que também provocam medo em Júnior, que, pouco a pouco, perde sua sanidade. Existe algo que mais amedronta e angustia o homem que a perda de suas faculdades mentais? Provavelmente são poucas as coisas que são mais assustadoras. De tudo aquilo que nos faz seres humanos, a capacidade de organizar nossos pensamentos e comunicá-los é o que nos caracteriza, que nos constitui. O seguinte trecho do romance, que inicia com uma fala (questionamento) de Junior em diálogo com Bruna, evidencia marcas de uma perda progressiva do eu e da capacidade de comunicação:

— Você já reparou que, cada vez que a gente acorda, tem que inventar tudo de novo?
— Tudo o quê?
— Temos que inventar tudo. Todo o passado. Isso é a memória. Essa coisa de inventar todos os dias enquanto passamos do... como se chama?
— O quê?
— Isso, o outro coiso de quando estamos dormindo?
— Que outro coiso?
— A gente faz isso rápido. É bem rápido, mas a gente faz isso todos os dias na hora que começa a vir para cá.
— Para onde?
— Para cá. Para acordar. Eu percebi quando fazia isso. É tudo invenção, sabe.
É como aquele coiso... Como se diz? (MUTARELLI, 2008, p. 168).

Diante da leitura é impossível não estabelecermos uma relação com a realidade em que nos encontramos imersos no mundo contemporâneo. A instabilidade emocional e as

doenças que afetam cada vez mais a saúde mental do homem são reconhecíveis, os sintomas desse novo mundo reorganizam a vida das pessoas de forma a levá-las a questionar o sentido de viver, sobre o estar vivo em busca de uma direção que parece não existir. Nesse sentido, a narrativa parece apontar para um certo niilismo, que não se dá especificamente em relação ao tema que a obra aborda, mas no que se refere às perspectivas do protagonista, as quais acabam por levantar questões que afligem também o leitor.

Para o leitor é angustiante perceber e lidar de perto com o estado de inércia em que Júnior se encontra e que determina os rumos de sua vida. A angústia se agrava na medida em que a personagem começa a demonstrar sinais de desespero, chegando a um estágio de desequilíbrio psicológico evidente, no qual ele mesmo começa a questionar sua sanidade. Daí em diante, somos tomados por um sentimento de medo que se traduz no receio de que a loucura se instale, pois cada vez mais o comportamento do protagonista caminha rumo a esse fim e não há nada que ele ou nós, enquanto leitores, possamos fazer.

As expectativas que temos é de que Júnior consiga de alguma forma seguir sua vida, encontrando algo em que se agarrar e que o tire da monotonia do dia a dia, bem como do sentimento de apatia diante do tempo e da passagem das horas. Contudo, os fatos que se sucedem não culminam em nenhum acontecimento que traga melhorias ou perspectivas para a vida da personagem, deixando também aflito o leitor que espera pela oportunidade de salvação que não chega, e angustiado pela incerteza do que virá pela frente. Nesse caso, durante a leitura o leitor está submetido aos processos de retenção e protensão, de maneira que para Iser (1999, p. 16), “cada momento da leitura representa uma dialética de protensão e retenção, entre um futuro horizonte que ainda é vazio, porém passível de ser preenchido” e “um horizonte que foi anteriormente estabelecido e satisfeito, mas que se esvazia continuamente”.

Encontramos muitos vazios e, ao mesmo tempo, temos muitas expectativas, sempre na esperança de que em horizontes futuros possamos encontrar respostas ou mesmo superar as expectativas que criamos. A obra em si é repleta de possibilidades e não se limita em nenhum aspecto, seja na linguagem, nos sentimentos que provoca ou mesmo em sua forma. Contudo, ela por si só, sem a presença de um leitor, não é capaz de se concretizar, pois, para tanto, é preciso que o leitor opere sobre ela, atualizando os vazios e as informações presentes neles. Os vazios, nesse sentido, se propõem muito mais a apresentar questões, do que a respondê-las ou a fornecer elementos para o que leitor chegue a conclusões. Os espaços vazios se colocam, assim, como estrutura indispensável para a atribuição de sentido ao texto. Dessa forma, muito do sentido que atribuímos à leitura está contido no não-dito, o que vai ao encontro da ideia de Iser (1996).

Assim, o efeito estético é o resultado da leitura de uma obra, de maneira que o leitor é entendido como parte dela, do texto que a constitui. E nesse sentido, para nos situarmos diante do exercício da leitura, recorreremos à teoria de que “o princípio de Iser é que o leitor é o pressuposto do texto. Portanto, trata-se de mostrar, por um lado, como uma obra organiza e

dirige a leitura, e, por outro, o modo como o indivíduo reage no plano cognitivo aos percursos impostos pelo texto” (JOUVE, 2002, p. 14).

Tudo na narrativa de Mutarelli incomoda. Consequentemente, são incomodados o protagonista, os personagens que convivem com ele, o narrador e o leitor. Todos se tornam muito próximos de Júnior e esperam ou torcem que ele consiga retomar a vida e ser uma pessoa feliz, apesar dos acontecimentos. A descrição do cotidiano monótono, a infelicidade que gira em torno de Júnior, as memórias ruins do passado que insistem em serem revisitadas e, especialmente a forma como tudo isso é narrado, com tamanha proximidade e riqueza de detalhes, traz um certo desconforto para quem se envolve com a narrativa.

A escrita literária do romance em questão aponta para sintomas comuns nos dias atuais e presentes na sociedade em geral: a angústia e o sofrimento de quem convive com doenças psicológicas. Nesse sentido, a obra dialoga sincronicamente com o tempo em que foi concebida, representando traços do mundo real e abordando as aflições humanas com sensibilidade. Sofrimento, violência, medo, angústia, todas essas sensações são bastante comuns na literatura brasileira contemporânea, conforme indicam Resende (2008), Schøllhammer (2009) e Ginzburg (2012), de forma que tais aspectos apontam para discursos mais gerais e que abrigam uma certa emergência coletiva. De tal maneira, a literatura dos últimos anos tem se interessado por experiências que revelam a dispersão de identidades, fragmentação e desintegração do eu, conforme também revelam os estudiosos citados acima.

As narrativas que apontam para questões existenciais possuem grande carga emotiva, capazes de envolver seus leitores e mergulhá-los em questões íntimas, como é o caso do que acontece diante de obras de Clarice Lispector, a exemplo de *A Paixão Segundo G.H.* A obra de Mutarelli é contemporânea, portanto, por despertar no leitor um mal-estar que na ficção tem maior potencial de sensibilizar. Christian Ingo Lenz Dunker (2015) aponta em seus estudos a experiência de obras da literatura brasileira que lidam com o sofrimento humano e que, portanto, produzem a sensação de mal-estar.

A experiência de leitura do romance de Mutarelli demonstra que a maneira como a narrativa conduz os acontecimentos traz mais impacto para a situação que cotidianamente, de forma similar, costumamos presenciar, mas que não nos afeta na mesma intensidade. Quando lemos a realidade através da palavra literária, isso nos choca mais; os acontecimentos se ampliam e se incorporam a nós leitores. Concordando com essa ideia, Blanchot propõe que:

eremos então que, por mais prosaica que seja a prosa e por mais próxima da vida comum que esteja a história, aqui a linguagem sofre uma transformação radical porque convida o leitor a realizar sobre as próprias palavras a compreensão do que se passa no mundo que lhe é proposto, e cuja única realidade é ser objeto de uma narrativa. Gostamos de dizer de uma leitura que ela nos prende; a fórmula responde a essa transformação: o leitor é efetivamente preso pelas coisas da ficção que ele recebe

das palavras, como propriedades delas; adere a elas com a impressão de estar preso, cativo, febrilmente retirado do mundo, a ponto de sentir a palavra como a chave de um universo de magia e fascinação onde nada do que ele vive é reencontrado (BLANCHOT, 1997, p. 80-81).

A sensação de medo e aflição diante dos acontecimentos e das atitudes do protagonista do romance revelam uma relação íntima com a leitura realizada. Esse sentimento é contemporâneo porque revela o receio de uma ausência muito grande, de uma falta de perspectiva diante do futuro e, conseqüentemente, da vida. O efeito estético é o medo de que tamanha inércia diante da vida e do tempo, se traduza num estágio de decadência humana que permite ou vislumbra o não viver, que beira o nada e que ruma em direção à inexistência. O texto sugere em toda a sua estrutura a ideia de fragmentação e ausências de explicações para acontecimentos que giram em torno da vida do protagonista.

O efeito estético resultante da leitura da obra vem dos sentimentos provocados pela ausência, pelos vazios existentes ao longo do texto e que também são parte da vida da personagem. Assim, verificamos que a persistência dos vazios e a impossibilidade de preenchimentos dos mesmos em alguns momentos não são fatores que prejudicam a comunicação, mas ajudam a efetivá-la. Afinal, e conforme Aguiar (1996, p. 30) salienta: “o preenchimento dos vazios não é total e depende das representações projetivas do leitor”.

A ausência que caracteriza o texto de Mutarelli revela um sentimento contemporâneo a nós e que faz parte da sociedade em que nos encontramos imersos, tendo em vista que o sentimento pós-moderno ainda vislumbra perspectivas de futuro, de progresso, onde o homem se encontrou diante da possibilidade de reinventar-se, acreditando em seu potencial transformador, na ciência e na revolução artística que sugeria trazer o novo, novas visões de futuro. A esperança mantinha a confiança e a integridade humana, as boas sensações, o equilíbrio. No entanto, a contemporaneidade trouxe muitas dúvidas para o ser humano, questionamentos que o fizeram se desequilibrar. Sobre o sentimento pós-moderno e suas implicações na vida e nas criações humanas, Lyotard (1993) afirma que:

O pós moderno seria aquilo que no moderno alega o ‘impresentificável’ na própria ‘presentificação’; aquilo que se recusa na consolação das boas formas, ao consenso de um gosto que permitiria sentir em comum a nostalgia impossível; aquilo que se investiga com ‘presentificações’ novas não para desfrutá-las, mas para melhor fazer sentir o que há de ‘impresentificável’. (LOYTARD, 1993, p. 26).

O homem, o artista e o escritor pós-moderno buscam um sentido, procurando referências para a vida cotidiana em direção ao futuro. O sentido da vida foi colocado em questão: as perspectivas de futuro ainda existem? A sociedade adoeceu, as relações humanas se desintegraram, a razão e o real parecem destruir o que está em volta da vida. O homem precisa

encontrar sentido para a sua existência, afinal, a grande questão é o existir, é encontrar direção e sentido nessa condição. Nessa busca, muitos adoecem, muitos se desencontram, se distanciam de si, não se reconhecem mais. É angustiante não encontrar algo no qual se apegar, não se reconhecer ou descobrir que nada do que a vida parece ser, realmente é.

A personagem de Mutarelli é a típica imagem que representa grande parte dos seres humanos que se encontram à mercê da sociedade contemporânea. O autor cria, assim, um sujeito que naturalmente é marcado pela condição de sentir e que busca a felicidade como destino. No entanto, a própria rotina se apresenta como um obstáculo para que ele consiga se realizar pessoal e profissionalmente. A família é de grande estima para o protagonista, que busca nela o conforto e a tranquilidade de que precisa para viver bem. Ter perspectivas é normal, saudável e preciso, contudo, a vida não lhe parece fácil, os desenganos, as decepções e as tristezas são constantes, parece que essa não é uma boa vida. Mesmo assim, tenta continuar a viver, porém, sem encontrar motivos. Vejamos, na seguinte passagem, a questão da ausência de perspectivas e de motivos para Junior prosseguir com sua vida, conforme nos revela o narrador:

Ele não vai servir ninguém. Que se fodam todos. Uma ideia vem ocupando sua mente. Será que ele realmente precisa voltar a trabalhar? Por que não ir levando, empurrando? Enrolando o pai. Onde come um comem dois. Não há motivos para reconstruir sua vida. Deixa estar. Enquanto houver o sofá e as reservas de Bruna, para que trabalho? (MUTARELLI, 2008, p. 102).

É importante pensar que a vida de Júnior não inicia, nem apenas é determinada somente a partir da primeira frase que apresenta a sua história. Júnior é adulto, um homem com experiência de vida e com um passado que em alguns momentos é retomado na narrativa. Contudo, há de se entender que muito de sua vida não aparece e que pelo menos 43 anos já se passaram e não constam nas páginas do livro. Dessa forma, toda essa trajetória precisa ser levada em conta, pois ela concorre para o momento presente da narração, que culmina no instante de sua vida em que não há mais sentido, o que traz medo e aflição para si e, pela intensidade da situação, também para o leitor.

O que fazer quando não existe sentido? Recorrer ao não sentido, ao nada? Existe sentido no nada, no não sentido? São questões que suscitam a busca de uma saída para esse grande problema existencial e, para o protagonista do romance, ir atrás de uma saída não parece ser mais uma opção. O romance gira em torno de um certo niilismo que representa uma parte da vida contemporânea e que causa medo, especialmente ao ser lido. É interessante notar que Mutarelli tem muito talento para criar e despertar tal sensação ou sentimentos semelhantes a esse nos leitores, tendo em vista também que outras obras do autor contemplam questões

semelhantes e provocam no leitor espanto, aflição e rumam pelo humor ácido e pelo teor escatológico. O homem é esse ser descaracterizado e sem direção.

Sobre a potência que uma obra tem de provocar diversos sentimentos nos leitores, podemos entendê-la a partir da descrição que Iser (1996) faz sobre a obra literária, que segundo o teórico possui dois polos: o artístico e o estético, sendo que ao primeiro corresponde o texto escrito pelo autor e ao segundo a concretização, que é realizada pelo leitor. O polo estético é que produz o efeito, porque é atualizado pelo leitor. O efeito, por sua vez, está diretamente relacionado com o exercício do leitor diante dos textos ficcionais. Dentro desse conjunto de textos, o teórico é enfático ao afirmar que as obras contemporâneas são ricas em vazios que envolvem o leitor de forma que ele se torna parte do próprio texto, à medida em que atualiza esses vazios e confere sentido ao que lê. Nesse sentido, e tendo em vista a multiplicidade de diálogos e de formas da literatura contemporânea, o leitor se vê diante de uma complexa rede de significados.

O conjunto da obra de Mutarelli, por exemplo, navega por uma psicologia densa, profunda, explorando nuances e faces do ser humano que são indesejadas e temidas. O autor expõe esses aspectos em suas produções desde as histórias em quadrinhos, de maneira que, nos dias atuais, representam discussões necessárias porque a sensação de vazio e a ausência de sentido na vida é algo que vem destruindo o homem, conforme já indica Rojas (1996) que, assim como Junior, estão presos em uma realidade que parece ser impossível de ser transformada. Se antes ao homem era tudo mais simples e a vida consistia apenas em ser satisfeita de suas necessidades básicas, hoje tudo parece ser mais complexo e outras vias passam a ser visitadas como possibilidade de preenchimento de um espaço que sustente a existência humana.

Para Rojas (1996), o ser humano vive a era da indiferença, onde nos encontramos excessivamente vulneráveis, cansados da vida. Nesse sentido, conforme esclarece, o cansaço não é devido ao esgotamento, mas às faltas e aos excessos; falta de projeção de futuro coerente e excesso de trabalho são motivos que levam o homem a retirar do caminho tudo que o atrapalha, ainda que coisas essenciais. Reafirmando tal posição, Lipovetsky (1983) discute que:

A sociedade pós-moderna é a sociedade em que reina a indiferença de massa, em que domina o sentimento saciedade e de estagnação, em que a autonomia privada é óbvia, em que novo é acolhido do mesmo modo que o antigo, em que a inovação se banalizou, em que o futuro deixou de ser assimilado a um progresso inelutável (LIPOVETSKY, 1983, p.101).

Em *A arte de produzir efeito sem causa*, alguns acontecimentos concorrem para que Junior se questione sobre o estado existencial em que se encontra, sobre os rumos de sua vida e sobre o vazio que toma conta de seus dias. A descoberta da traição, o afastamento do convívio com o filho, o desemprego, a monotonia do dia a dia, a ociosidade, o sentimento de inferioridade por ter que voltar a morar com o pai, que o sustenta por alguns dias e, acima de tudo, a sensação

de que tudo que viveu foi uma grande mentira, de que toda aquela felicidade que sentiu algum dia não existe mais, todos esses fatos abalaram bastante a saúde mental e o equilíbrio psicológico do protagonista.

Portanto, a leitura causa ao leitor toda essa sensação de impotência, de inércia, de instabilidade e de medo diante da condição que o ser humano se encontra (tanto na ficção, através da figura de Junior, quanto na realidade em que vive, quando relaciona o que leu com o retrato de seu dia a dia). Assim, o efeito advindo da leitura do texto resulta da atualização, por parte do leitor, dos vazios que giram em torno da vida de Junior, o que consequentemente resulta na concretização da obra. Então, se o leitor experiencia sentimentos que a leitura desperta, isso acontece por conta do caráter estético da obra. Para tanto, a leitura proporciona uma relação entre a realidade do leitor e a que ele se depara na ficção.

O que cabe observar, ainda, sobre o contexto da obra de Mutarelli, é que todas as questões abordadas são muito presentes na vida cotidiana e não necessariamente apenas nos dias atuais, mas a intensidade com que tudo isso afeta o homem contemporâneo é bem maior que outrora e, quando retratado na literatura, a escrita contemporânea consegue impactar e tornar ainda mais grave a crise que afeta o bem estar humano no mundo. No que toca a essa sensibilidade que a leitura literária desperta, entende-se que:

A obra literária é um sistema aberto, portanto inacabado. Envolve o leitor em seu conteúdo, propício para ser interpretado e reinventado. Como não lidam com um sistema fechado, os poetas criam representações e oferecem sua obra para que seja interpretada por cada leitor que entre em contato com ela, à sua própria maneira. O poeta é capaz de tocar o interior de quem o lê e, por sua vez, o leitor se sente tocado pelo interior do poeta (CARNEIRO; ABRITTA, 2008).

A vida pessoal de Lourenço Mutarelli é toda marcada por problemas pessoais e familiares, os quais envolvem a saúde psicológica familiar. Assim, sugestivamente, em sua obra ele expõe uma necessidade de construção de sentidos para a vida, pautado na experiência de sua personagem, que se encontra mentalmente confuso e socialmente desencontrado. Esses sentidos, no entanto, não estão prontos, a leitura é subjetiva, de forma que por meio da sensibilidade e do imaginário do leitor, múltiplas possibilidades podem aflorar. Inquestionavelmente, o autor conduz com maestria uma escrita que é capaz de representar o estado emocional do protagonista, o que envolve também emocionalmente o leitor, que de fato se debruça sob a narrativa, se aproxima intimamente da personagem. Através da arte somos convidados a (re) descobrir a sociedade em que vivemos e a nossa própria condição de ser humano.

A solidão provavelmente é um dos principais fatores que observamos ser responsável pelo estado em que Junior se encontra e o que leva, aos poucos, ao fundo do poço, ao vazio. O vazio que ambienta a narrativa é ponto de partida para os rumos que o romance segue. Mas,

afinal, o que fazer diante da perda de sentido e para onde a obra aponta? Ao invés de buscar sentido nas coisas ou em crenças que temos, talvez um dos caminhos seja ressignificar a própria existência, o próprio vazio pode ser um lugar de onde se pode encontrar motivos para transformar nossa condição. Em determinado ponto da narrativa, em diálogo iniciado por Bruna, é perceptível o estado solitário de Junior, e ainda, por meio de sua fala, subte-se que essa condição não lhe agrada, ele busca sair dela. Em especial, gosta da companhia da inquilina do pai.

- Vamos comer... você vai ficar legal. Comer e conversar.
- Isso...
- Conversar ajuda. Você passa muito tempo sozinho.
- Eu adoro a sua companhia...
- Eu acho que isso é pânico. (MUTARELLI, 2008, p. 125).

Noutro trecho em que o narrador se refere ao passado de Junior, mais especificamente a um episódio de sua infância, também temos descrições reveladoras de sua solidão e de outros aspectos que concorrem para os descaminhos da personagem, bem como para os efeitos estéticos experienciados pelo leitor, decorrentes da leitura do romance.

Domingo sempre foi um dia depressivo para ele. Embora tivesse amigos no clube, passava a maior parte do tempo sozinho. Quando estava com os outros da sua idade, sentava no balanço e pensava em sexo e no sobrenatural. Para os outros isso podia causar um frio agradável na barriga, para ele o frio se entranhava fundo. Via fantasmas. Sentia sua presença. Quando as conversas acabavam e ele saía para brincar, todo aquele assombro se apoderava de Júnior e ecoava em estranhas visões e sensações que ele guardava. (MUTARELLI, 2008, p. 173).

Junior parecia ter uma vida ‘normal’, até chegar num estágio em que pudesse repensar sua existência e, mesmo demonstrando não ser capaz de reagir, de alguma forma sua trajetória pôde ser questionada. Quando a narrativa nos apresenta os primeiros conflitos que desencadeiam na desintegração de Junior, somos levados a pensar por um momento que a personagem ainda poderia ter um final feliz, encontrando uma saída para a crise em que está imerso. Muitos elementos que estão dispostos na narrativa, inclusive, poderiam servir de base para que ele conseguisse seguir em frente, com perspectivas de futuro, como o consolo do pai e a amizade de Bruna, bem como a possibilidade de envolvimento com os rituais com os quais a mãe e o irmão eram envolvidos. Nesse sentido, o que existe por trás do ocultismo com o qual a mãe lidava, poderia ser o fio condutor para um novo universo que poderia vir a construir um novo sentido para a vida de Junior, o qual evita e nega qualquer envolvimento com o passado obscuro de sua progenitora.

A questão do passado familiar, especialmente o da mãe de Junior, e o universo sobrenatural que envolve a matriarca da família são pouco explorados pelo narrador, que apenas se limita a deixar a questão como uma incógnita na vida do protagonista.. Partindo desse aspecto sobrenatural que a obra deixa no ar, podemos pensar que tal ponto pode ser entendido como precursor dos problemas que afetam a vida da personagem, com ênfase para os de origem psicológica, ou, ainda, que a negação de envolvimento com os rituais talvez tenha sido justamente o que prejudicou ainda mais o seu estado psicológico. Existe uma possibilidade, mesmo que queiramos negar, de que, no ocultismo, Junior encontrasse o sentido que buscava para sua existência, assim, no que pareceria errado, especialmente para o protagonista, é onde poderia estar a chave para o fim, ou pelo menos para o alívio da agonia que aflige seus dias.

Procurar sentido naquilo que já conhecemos às vezes se torna uma tarefa um tanto quanto desnecessária, portanto, se o ocultismo revela uma possibilidade de no desconhecido encontrar aquilo que buscamos, seria natural que Junior enveredasse por esse caminho, o que não acontece, sugerindo-nos, mais uma vez, que para a personagem já não há mais perspectiva e reafirmando para o leitor, que é curioso em relação ao que a obra não aprofunda (o sobrenatural), que não existe mais saída e que o desfecho da trajetória de Junior só aponta para uma direção: a loucura. Nesse caso, a perda da razão e da capacidade de raciocínio organizado pode ter total influência da negação da via espiritual.

Outra questão levantada em torno do ocultismo pouco abordado na obra, é o fato de que ele se revela como estruturante do romance, aliado à questão da sensação de ausência de sentido. De tal forma, essa ponte espiritual não seria uma mera válvula de escape, mas questão necessária para a condução do romance. Esse apontamento se fundamenta na percepção de leitura de que o ocultismo seria provavelmente uma possibilidade de caminho para o encontro de sentido para a vida. Mutarelli deixa por toda a obra fios que poderiam conduzir o protagonista para um estado existencial diferente daquele em que se encontra, mas, ao prosseguir, somos tomados por uma sensação de que o próprio autor parece sugerir que não há um projeto de futuro, e que criar expectativas parece ser inútil.

O sentimento de caminhar em direção ao nada é cada vez mais forte, inclusive, o próprio final do romance é uma incógnita e, portanto, inconclusivo para os leitores. Certamente, a intenção de Mutarelli é envolver o leitor de maneira que ele crie e preencha os espaços vazios deixados na narrativa, o que torna a interação com o texto muito mais interessante, além de trazer possibilidades para a criatividade imaginativa de quem está do outro lado. Contudo, quando nos deparamos com o momento em que o protagonista encontra uma arma e a munição na gaveta do criado-mudo do pai, estamos diante do instante de maior desespero e, independente da atitude que Junior tenha tomado, o que não fica exatamente claro, o leitor é quem irá imaginar ou construir o final.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance *A arte de produzir efeito sem causa* é uma verdadeira expressão do sentimento contemporâneo de desesperança, de aflição e medo do que está por vir. Nesse sentido, pode ser entendido como escritura da afecção humana, desse estágio que representa a relação entre a vida e a sociedade em que nos encontramos e sobre como as perspectivas de melhoria não são autossuficientes (se existem) para que o homem prossiga confiante em direção ao futuro. Acima de tudo, enquanto lemos somos tomados por esse sentimento e, a partir do momento em que nos sensibilizamos, refletimos e compreendemos melhor sobre a época em que nos encontramos situados, sobre os modos de vida que temos atualmente e como tudo isso reflete no desequilíbrio emocional que toma conta do homem cada vez mais.

É preciso compreender que todo texto ficcional traz dentro de si a representação de traços da realidade em que está inserido e que a literatura é o retrato de um ser humano que se vale da literatura para suscitar nos leitores sentimentos e ideias, que vão do prazer ao inconformismo, desconforto e assim por diante. No caso da leitura de Mutarelli, ela se abre ao leitor e amplia as possibilidades de interpretação do texto, solicitando a participação do leitor na obra. Para Iser (1996, p. 95) “a solução de conflitos só é capaz de desenvolver um efeito de catarse ao envolver o leitor em sua realização” e isso acontece porque “a obra de arte dá satisfação ao receptor apenas quando ele participa da solução e não se limita a contemplar a solução já formulada”.

Longe de solucionar a problemática exposta pela obra, o leitor de *A arte de produzir efeito sem causa* encontra mais dúvidas que respostas, assim, pode-se dizer que não é dada uma solução, embora provavelmente o leitor esteja empenhado em tal iniciativa: encontrar respostas para o problema da personagem. No entanto, o certo é que a leitura em si concretiza o efeito catártico do texto, porque o leitor se sente angustiado pela experiência da personagem Junior e pela impossibilidade de seguir um caminho concreto ao longo do romance. A certeza é de que não existe uma solução formulada nem pelo texto, muito menos pelo leitor.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, V. T. de. O leitor competente à luz da teoria literária. In: **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, 124:23/34, jan. – mar., 1996.

BLANCHOT, M. **A parte do fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre azul, 2004, p. 169-191.

CARNEIRO, C.; ABRITTA, S. Formas de existir: a busca de sentido para a vida. **Revista Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 190-194, dez. 2008.

COMPAGNON, A. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

DUNKER, C. **Mal-estar, sofrimento e sintoma.** São Paulo: Boitempo, 2015.

GINZBURG, J. **Literatura, violência e melancolia.** Campinas, São Paulo: Autores associados, 2012.

ISER, W. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético.** Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996, 1 v.

ISER, W. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético.** Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999, 2 v.

JOUBE, V. **A Leitura.** Tradução de Brigitte Hervor. São Paulo: Edunesp, 2002.

LIPOVETSKY, G. **A era do vazio: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo.** São Paulo: Relógio D'Água, 1983.

LYOTARD, J. F. **O pós-moderno explicado às crianças: correspondência 1982-1985.** 2. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.

MAZURIC, C. Les moi volatils des guerres perdues, a leitura, construção ou desconstrução do sujeito? *In*: ROUXEL, A.; LANGLADE, G.; REZENDE, N. (orgs). **Leitura subjetiva e ensino de literatura.** São Paulo: Alameda, 2013.

MUTARELLI, L. **A arte de produzir efeito sem causa.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

REZENDE, B. A literatura brasileira na era da multiplicidade. *In*: **Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008. p. 15-40

RODRIGUES, E. B. T. **Cultura, arte e contação de histórias.** Goiânia, 2005.

ROJAS, E. **O homem moderno.** São Paulo: Mandarim, 1996.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. *In*: DALVI, M.; REZENDE, N.; JOVER-FALEIROS, R. (orgs). **Leitura de literatura na escola.** São Paulo/SP: Parábola, 2013.

SCHØLLHAMMER, K. E. **Ficção brasileira contemporânea.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SCHØLLHAMMER, K. E. O realismo de novo. *In*: SCHØLLHAMMER, K. E. **Ficção brasileira contemporânea.** 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

Recebido para publicação em: 30 maio 2021.

Aceito para publicação em: 20 dez. 2021.